

Umbanda e Candomblé: Pontos de Contato em Salvador – BA

Mackely Ribeiro Borges
Universidade Federal da Bahia
e-mail: mackelyrb@gmail.com

Sumário:

Este trabalho discute a presença de elementos do Candomblé Angola e de Caboclo na Umbanda praticada em Salvador (BA). A fusão de elementos de diversas procedências e naturezas dá a Umbanda um caráter nacional, refletindo a sua capacidade de adaptação a distintos contextos e desempenhando um papel importante na vida das pessoas que a praticam.

Palavras-chave: Umbanda, Candomblé, Música.

A Umbanda é considerada a primeira religião genuinamente brasileira, pois foi formada no Brasil. Surge como uma religião universal, isto é, dirigida a todos e a sua trajetória marcada pela busca de uma legitimação e institucionalização diante da sociedade e do Estado brasileiro. Apresenta características próprias, suas canções, danças, oferendas, trabalhos, representando um papel importante na vida religiosa das pessoas que a praticam. É uma religião essencialmente urbana desde o seu surgimento associado aos fenômenos de industrialização e urbanização, até os dias de hoje.

Na literatura existente sobre o assunto, há um consenso de que a Umbanda teria surgido no Rio de Janeiro, na década de 1920 (Cf. Bastide, 1971; Concone, 2001; Negrão 1996; Jensen, 2001; Ortiz, 1999; e Prandi, 1991). Atualmente, sua prática encontra-se espalhada por todo o território brasileiro, com destaque nos grandes centros urbanos, permeada por um forte sincretismo presente tanto na sua formação quanto no seu culto. Há na sua concepção uma fusão de elementos de várias procedências e naturezas diversas, entre eles das culturas indígena, branca e negra, que também representam a raiz da formação da sociedade brasileira, que se fundem dando-lhe um caráter nacional, mantendo-a viva.

Este fator, aliada a sua capacidade de adaptação aos contextos locais, possibilitou a existência de ramificações em seu culto que se diferenciam pela maior ou menor aproximação das influências branca e negra. Serra (2001: 221) definiu de forma precisa esta variação em três direções principais: A Umbanda Branca, a Mista e a Preta. A Umbanda Branca caracteriza-se pela adoção da doutrina espírita kardecista e pela negação das origens e influências negras. A Umbanda Mista caracteriza-se pela mistura das vertentes branca e negra, isto é, apresenta elementos do Kardecismo e do Catolicismo associados a algumas práticas emprestadas das religiões afro-brasileiras. E na Umbanda Preta predomina a associação com os cultos afro-brasileiros, no qual muitos autores apontam a existência de uma modalidade chamada *Umbandoblé* (Cf. Jensen, 2001 e Negrão, 1996).

A Umbanda praticada em Salvador (BA) se apresenta sob as categorias Branca e Mista. A primeira categoria caracteriza-se pelo seu público, formado por pessoas de nível intelectual e financeiro alto e se localizam em bairros nobres (Amaralina, Barra, Caminho das Árvores, Pituba, entre outros), no qual os centros são formados por grupos familiares, com o acesso restrito apenas aos familiares ou àqueles que pertencem ao mesmo círculo de amigos. A segunda categoria é fortemente influenciada pelo Candomblé Angola e pelo Candomblé de Caboclo, e seus adeptos

pertencem a todas as classes sociais tendo os seus centros localizados em bairros populares e periféricos.

Acreditamos que uma das principais contribuições do Candomblé de Caboclo na formação da Umbanda é a entidade do Caboclo. Porém, os Caboclos do Candomblé e da Umbanda possuem características distintas. No Candomblé, os Caboclos estão na mesma categoria dos orixás (Cf. Póvoas, 1989: 106), e se voltam para a transmissão das suas histórias, lendas, danças, vestimentas entre outros fatores relacionados ao conceito da “divindade da mata” e do “dono da terra”, ancestral indígena, o primeiro habitante em solo brasileiro. Enquanto que na Umbanda são considerados entidades inferiores aos Orixás na escala de desenvolvimento espiritual e a sua função está direcionada ao atendimento ao público, seguindo a filosofia kardecista da prática da caridade. O pai-de-santo *Matambalessi* (Cf. Silva, 1995: 104), da nação Angola também aponta estas diferenças entre os Caboclos do Candomblé e da Umbanda: “no candomblé, o caboclo que vem é mais evoluído para as coisas da natureza. Na umbanda eles são mais rezador, curador, benzedor, ensina rezas e simpatias, canta pontos com nome de santo. No candomblé eles cantam samba-de-roda e coisas da natureza deles.”

No entanto, existem outros elementos que apontam muitas semelhanças entre estas duas religiões, especialmente na cidade de Salvador. Antoniel Bispo, Diretor-Secretário da FENACAB¹, nos explica que a chave para desvendar estas similaridades entre a Umbanda e o Candomblé Angola e de Caboclo está na música e na capacidade sincrética da Umbanda:

Esta forma de utilização da Umbanda muito levada para o lado de Angola é porque exatamente, eu Antoniel vejo assim, é mais fácil o ritual, os toques, os cânticos. Porque, na verdade, os cânticos de Angola são praticamente semelhantes quase aos cânticos das músicas que se cantam pra caboclo [Candomblé de Caboclo]. A Umbanda daqui é como em todo lugar, ela vem pegando pedaços de coisas diferentes. O toque dos atabaques na nação Queto são completamente diferentes. Nós da nação Queto utilizamos para tocar os nossos atabaques os aquidavis, as baquetazinhas. O toque de Angola é um toque de mão e também é muito utilizado na Umbanda. Os cânticos são bem levado pro lado de Angola. Que nós cantamos praticamente, nós do Queto, tudo em iorubá, não cantamos em português. É muito mais fácil para Angola ficar semelhante ou similar à Umbanda do que o Queto.²

Estas similaridades entre a Umbanda e o Candomblé Angola e o Candomblé de Caboclo são encontradas no *Centro Umbandista Rei de Bizara*, localizado no bairro de Brotas em Salvador. Este centro possui duas particularidades: a primeira é que se trata de um centro-escola, voltado para o desenvolvimento dos médiuns e o conhecimento dos fundamentos umbandistas pelo público em geral. Após cumprir todas as etapas com duração total de sete anos, é permitido ao médium abrir o seu próprio local de culto. Desta forma, o Centro Umbandista Rei de Bizara é a matriz para a formação de muitos centros umbandistas em Salvador³ e em outras cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Governador Valadares (MG) e Brasília. A segunda particularidade é o papel de destaque ocupado pelas entidades da esquerda (Exus e Pombagiras), tanto na condução dos trabalhos quanto no calendário das festas, enquanto que em outros locais a presença destas divindades é restrita ou muitas vezes é até evitada.

¹ A Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro (FENACAB) é uma entidade localizada em Salvador (BA) com o objetivo de coordenar, fiscalizar e amparar os locais de culto afro-brasileiro, inclusive os centros umbandistas. De acordo com os dados da FENACAB, existem atualmente 53 registros de centros umbandistas em 28 bairros/localidades. Este registro nos dá apenas um panorama geral da presença da Umbanda em Salvador, não refletindo a situação real em termos quantitativos.

² Depoimento de Antoniel Ataíde Bispo em entrevista realizada em 03/04/2006.

³ São exemplos de centros umbandistas formados em Salvador: o Centro Umbandista Oxossi Matalambô, Iansã da Pedra do Ouro e Rosário de Luz, cujo endereço não foi informado pela mãe-de-santo, que apenas afirmou que estas casas de culto se localizam em áreas próximas do bairro de Brotas.

No *Centro Umbandista Rei de Bizara* estas divindades recebem o nome de Escravos. No depoimento abaixo, a mãe-de-santo Amélia Cândida da Silva explica os motivos esta denominação que acreditamos ser inédita⁴ no universo umbandista: “São mensageiros dos Orixás. Os Orixás trabalham aqui, mas pra limpar e fazer tudo, eles tem que ter um empregado, e o empregado é eles. [...] Você sabe que na Umbanda a gente tem que começar pelos Escravos. É eles que manobram tudo”.⁵

Além deste ponto de vista êmico, acreditamos que a adoção deste termo pelo centro indica uma influência direta do Candomblé Angola. Neste culto, o Exu é chamado de *Escravo-de-Inquice*⁶ como nos explica “Seu” Benzinho⁷:

quando a gente trata de “escravo-de-inquice”, sabe-se que está se referindo a Exu, pois só ele é o mensageiro dos inquices. (...) Ele é conhecido como o diabo. As cantigas chamam Exu, Bambojira,[ou Bombonjira], Jiramavambo, Mancuce, Imbemberiquiti, Imbé Perequeté, Ingambeiro, Quitungueiro, Caracoci. (Santana, 1984: 45-46)

Conforme o depoimento acima, *Giramavambo*⁸ é uma das denominações atribuídas aos Exus, que também é usada no *Centro Umbandista Rei de Bizara* como podemos verificar no seguinte ponto cantado:

The image shows a musical score for a song in 7/8 time, written in a key with two flats (B-flat and E-flat). The score is divided into three systems of music. The first system starts with a 'Solo' marking and includes a triplet of eighth notes. The lyrics are: 'Gi ra ma vambo a gra de ço ê ê a gra de ço ê ah ah ah ah'. The second system starts with a 'Tutti' marking and includes another triplet. The lyrics are: 'ah a gra de ço ah Gi ra ma vambo a gra de ço ê ê a gra de ço'. The third system continues with the lyrics: 'ê ah ah ah ah ah é bom per do á'. The score uses a treble clef and includes various rhythmic values and articulations.

Se desconsiderarmos algumas alterações, este mesmo ponto possui basicamente uma estrutura melódica semelhante a uma outra cantiga para Exu encontrada no Ilê Axé Dele Omí⁹, onde se pratica o Candomblé de Caboclo (Cf. Garcia, 1996 e 2001:63), o que poderia ser considerado uma comprovação musical da relação entre as duas religiões.

⁴ Durante a pesquisa bibliográfica não foi encontrada nenhuma referência sobre a denominação Escravos dado aos Exus e Pombagiras.

⁵ Depoimento dado em entrevista realizada em 21/04/2006.

⁶ Inquice é a designação dada ao orixá no Candomblé da nação Angola.

⁷ “Seu” Benzinho é membro de uma casa de Candomblé Angola e foi um dos convidados do Encontro de Nações de Candomblé realizado em Salvador em 1981 (Cf. Santana, 1984: 45-46).

⁸ Durante a pesquisa bibliográfica encontramos a denominação Jiramavambo escrita com “J” e com “G”, no entanto, resolvemos adotar a grafia Giramavambo.

⁹ Segundo Garcia (1996:28) o Ilê Axé Dele Omí se localiza na localidade de Arenoso, bairro de Tancredo Neves, área periférica da cidade de Salvador- BA.

Co 16 S: E - leé um | gi-ra ma-vam-bo C: re com-pen-su -ê | ra ra rá re |
com-pen-su é S: e-leé um | gi-ra ma-vam-bo C: re com-pen-su -ê | ra ra rá re |

Pombagira é o Exu feminino, cuja denominação representa um elemento banto dentro da doutrina umbandista por ser de origem *quimbunda*, língua pertencente a uma das tribos originárias de Angola-Congo-Lês e Contracosta (Cf. Povoas, 1989: 18 e 24-25). No Candomblé Angola e de Caboclo, *Bombojira*, outro termo de origem banto, é um dos nomes dados ao Exu masculino, cuja semelhança prosódica Pombagira/*Bombojira* nos chama a atenção. Outro caso de compartilhamento de repertório acontece nos dois exemplos a seguir, no qual verificamos também a semelhança na prosódia encontrada nos textos das duas cantigas, no qual as frases “soam” parecidas. O primeiro exemplo é um ponto cantado em português encontrado no *Centro Umbandista Rei de Bizara* e o segundo é uma cantiga em língua banta encontrada no *Ilê Axé Dele Omi* (Cf. Garcia, 1996: 135).

Ponto cantado no *Centro Umbandista Rei de Bizara*:

Pom ba gi ra que ta que tá o lha o lha é pom ba
gi ra que tá que tá o lha o lha é pom ba gi ra que jam bo jam boo
lha o lha é pom ba gi ra que jam bo jam boo lha o lha é

Cantiga do *Ilê Axé Dele Omi* (Cf. Garcia, 1996:135):

Ca 16 S: Bom - bon-gi-ra ja-mô can-gué ai ai o re ré Bom-bon-gi-ra ja-mô can-gué ai
ai o re ré Bom - bon-gira cujan cujan go C: Bom-bon-gira jamôcangué ai ai o re ré Bombon-
gi-ra ja-mô can-gué ai ai o re ré S: Bom-bon-gi-ra cujan cujan go C: Bom-bon-

Portanto, diante destas semelhanças, acreditamos que existe um complexo processo de trocas musicais entre a Umbanda e o Candomblé, no qual a mesma cantiga pode ser utilizada em ambos os casos, onde a mesma melodia acompanha textos diferentes ou então a mesma letra pode receber um tratamento musical diferenciado. Contudo, como acontece este trânsito dos repertórios entre estas religiões aparentemente diferentes? Na visão êmica de Tia Preta, todas as entidades que trabalham no *Centro Umbandista Rei de Bizara* não são impedidas de trabalhar em outras casas de Candomblé ou Umbanda. Vatin (2001:13) também acredita que “quando uma divindade migra de uma nação para outra, seu repertório de cantigas a acompanha”. Em vista disso, há a possibilidade destas entidades carregarem seus repertórios, porém, eles devem seguir ao sistema da casa de culto, que no caso deste centro, a cantiga deve ser cantada em português por se tratar da prática da Umbanda, uma religião brasileira.

Por fim, a identidade da Umbanda está em constante processo de construção onde a adaptação ao contexto é a sua marca registrada. Neste caso, foram abordados apenas alguns elementos que proporcionam a inserção do *Centro Umbandista Rei de Bizara* no contexto de Salvador, uma cidade formada por uma população de maioria negra e parda com uma cultura fortemente influenciada pelo Candomblé, que se faz presente em mais de 2000 terreiros (Cf. Vatin, 2001:9). Acreditamos que as possibilidades de encontrar outras semelhanças serão ampliadas com a análise de outros fatores que compõem o universo umbandista deste centro. Semelhanças estas, que nos fazem regressar ao início da formação da Umbanda, influenciada pelos cultos bantos trazidos pelos escravizados vindos da Bahia para o Rio de Janeiro. Hoje no *Centro Umbandista Rei de Bizara* estes elementos permanecem sob os mais diversos aspectos, inclusive na música.

Referências Bibliográficas

- Bastide, Roger (1971). *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das Interpretações de Civilizações*. São Paulo: Livraria Pioneira. Tradução de Maria Eloísa Capellato e Olívia Krähenbühl.
- Concone, Maria Helena Villas Boas (2001). Caboclos e Pretos-Velhos da Umbanda. *Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro: Pallas. [281-303].
- Garcia, Sonia Maria Chada. “A Música dos Caboclos: O Ilê Axé Dele Omí.” Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1996.
- Garcia, Sonia Maria Chada. “Um Repertório Musical de Caboclos no Seio do Culto aos Orixás, em Salvador da Bahia.” Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2001.
- Jensen, Tina Gudrum (2001). Discursos sobre as Religiões Afro-Brasileiras: da Desafrikanização para a Reafrikanização. *Revista de Estudos da Religião – REVER* 1 (jan). [1-21]. Disponível em <[http://www.pucsp.br/rever/rv012001 /p_jensen.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv012001/p_jensen.pdf)>. Acessado em 11 de ago.2005.
- Negrão, Lísias Nogueira (1996). *Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp.
- Ortiz, Renato (1999). *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- Póvoas, Ruy do Carmo (1989). *A Linguagem do Candomblé: Níveis Sociolinguísticos de Integração Afro-Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Prandi, Reginaldo (1991). *Os Candomblés de São Paulo: A Velha Magia na Metrópole Nova*. São Paulo: Hucitec e Edusp.
- Santana, Esmeraldo Emérito de (1984). Nação Angola. *Encontro de Nações de Candomblé, Salvador 1.06.81 a 5.06.81*. Centro de Estudos Afro-Orientais. Série Estudos/Documentos 10.Salvador, [35-43].

- Serra, Ordep (2001). No Caminho de Aruanda: A Umbanda Candanga Revisitada. *Afro-Ásia* 25-26, [215-256].
- Silva, Vagner Gonçalves da (1995). *Orixás da Metrópole*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Vatin, Xavier (2001). Música e Transe na Bahia: As Nações de Candomblé Abordadas numa Perspectiva Comparativa. *Ictus* nº3 (dez.), [7-17].